



Espécies Lázaro

de
Vanesa Sotelo

traducción de
Diana Vasconcelos

(fragmento en portugués)

CENA 1: TUDO OCEANO

Tudo oceano. Somos tudo oceano. Sangue oceano. Corpo oceano. Olhar oceano. Pensamento oceano. Memória oceano. Deste lugar do oceano consigo ver. A quantidade de corpos que tiveram de morrer para chegar a este corpo. A quantidade de vozes que tiveram de se ouvir para chegar a esta voz. A quantidade de sonhos que tiveram de se ativar para chegar a este pensamento. Deste lugar perdido do oceano consigo ver. A vida imortal que há em cada vida. A história imortal que há em cada história. Os silêncios que há em cada silêncio. Deste lugar consigo ver.

CENA 2: À VISTA DESARMADA

Navio oceanográfico Isabel Barreto. B e C.

B

(Acendendo a luz.) Ainda aqui?

C

Estava a pensar.

B

Às escuras?

C

Às vezes, é melhor prescindir da luz para aclarar as ideias. Há coisas que não se podem ver à vista desarmada.

B

Suponho que seja por isso que decidi passar a vida colado a um microscópio.

C

E consegues ver?

B

O quê?

C

O que acontece realmente.

B

O que acontece...

C

O que se passa no fundo. Ver o fundo há-de explicar o que acontece à superfície.

B

Saber o que há no fundo não significa querer entender nada do que se passa à superfície.

C

Estão aqui para isso, não?

B

Achas que viemos catalogar o fundo para o conservar?

C

É o que estou a perguntar.

B

Não sei se alguém se interessa por entender seja o que for.

C

Vocês falam sempre em código?

B

Nós?

C

Os biólogos.

B

Estou há dias encerrado aí na gruta. Já não sei o que digo. É como sair de um túnel do tempo.

C

Estar aqui é entrar num túnel do tempo.

B

Trabalhar aí em baixo é como estar numa mina mas com luz permanente. Nunca sabes se é de dia ou de noite.

C

Em Svalbard também não sabias se era de dia ou de noite.

B

Estiveste em Svalbard?

C

Há anos. E lá era sempre de dia. Sabes o que é ver nevar no mês de agosto?

B

Não.

C

Pois é isso: um túnel do tempo. *(Pausa.)* O que procuras?

B

Uma chávena para fazer café.

C

Estão aí à frente.

B

À frente de quê?

C

À tua frente. Nas prateleiras.

B

Nas prateleiras...

C

As prateleiras que estão na antepara.

B

Estás a gozar comigo?

C

Se te estou a gozar? Eu a ti? Não vês as chávenas?

B

Nem as chávenas nem as prateleiras.

C

Vês a cozinha?

B

Sim. A cozinha, sim.

C

O que há em cima?

B

Em cima há um tabuleiro com a massa do pão.

C

Se andares para a direita, à altura da tua cabeça há duas prateleiras. Nas prateleiras há...

B

Agora sim, estou a vê-las.

C

Vês os micróbios mas não vês o que está à vista desarmada.

B

Era o que estava a dizer: é como trabalhar numa mina. Quando saía do poço, o meu pai tinha de deixar passar algum tempo para que os olhos se habituassem de novo à luz.

C

Havia mulas que ficavam cegas por causa da escuridão. Entravam ali e já não voltavam a sair.

B

Também tens família mineira?

C

Só conto o que me contam.

B

Havia muitos portugueses no Bierzo. Não se davam bem com os galegos nem connosco, os caboverdeiros. *(Pausa.)* É curioso.

C

O quê?

B

Que também penses como as mulas. Quero dizer: na escuridão.

C

Sim, há coisas que ninguém consegue ver à vista desarmada.

CENA 3: O QUE NÃO SE QUER VER

Navio oceanográfico Isabel Barreto. B e C. Entra G.

G

Ainda aqui?

C

Aqui não se trabalha por gosto, trabalha-se por fome.

G

Parece que foi uma intoxicação.

B pára de comer o que estava a comer.

C

Não há motivos para pensar que foi uma intoxicação.

G

É o que toda a gente pensa e há motivos para isso.

C

Eu levo o meu trabalho muito a sério.

G

Isso ninguém põe em causa.

C

Trinta anos como cozinheiro e dez nesta empresa.

G

Se a coisa piora, as consequências podem ser graves.

B

Se a coisa piora?

C

Como assim, se a coisa piora?

G

És tu que preparas os alimentos. Mais ninguém.

C

Eu sou o cozinheiro.

G

Trinta anos de experiência e dez nesta empresa.

C

Se houve um problema com a comida, pode ter sido coisa do abastecimento e não da cozinha.

G

Queres acusar a empresa?

C

Queres acusar-me a mim?

G

Ainda não.

C

Ainda não.

G

Ainda não, foi o que disse.

B

Foi o que disse: ainda não.

C

Eu não sou o único que entra na cozinha. Aqui toda a gente entra quando quer.

G

Não é o que diz o protocolo.

B

Eu só vim fazer um café.

G

Tu és o responsável da cozinha.

C

Eu como o mesmo que vocês.

G

Isso não sabemos.

B

Tu preparas a tua comida à parte.

C

Que tipo de acusação é essa?

G

Não é uma acusação.

C

E já se sabe?

G

Já se sabe o quê?

C

Das evacuadas.

B

Que evacuadas?

C

Veio um helicóptero. Levou alguém.

B

Veio um helicóptero? Por que é que nunca sei de nada?

C

Porque não saís da tua gruta e não falas com ninguém.

G

Há duas pessoas evacuadas: o capitão e a coordenadora da investigação. Agora eu sou a interlocutora direta com a empresa.

B

Agora ele é o interlocutor direto. O geólogo responsável por assinar o relatório de viabilidade é o interlocutor direto. E como o biólogo trabalha numa gruta não sabe de nada.

G

A primeira oficial assume o comando, está bem e estará isolada. Para não pôr em risco a investigação. Eu serei a interlocutora. Neste momento, há 5 pessoas com diarreia e 2 com uns graus de febre. Ficarão nos camarotes de bombordo. A outra metade ocupará os de estibordo. O resto ainda não tem sintomas.

C

Ainda?

G

Neste momento não têm sintomas. As instruções são continuar com a investigação e evitar todo o contacto. Quem se aperceber de qualquer mal-estar, tem de comunicá-lo.

C

E o que se passa com a comida?

G

A recomendação é administrar uma dieta branda a toda a tripulação enquanto esperamos pelos resultados das análises. Mas tu é que és o cozinheiro.

C

Acusa-me de intoxicar a tripulação mas tenho de continuar a trabalhar. Não entendo nada.

G

Tu és o cozinheiro.

C

Às tantas é por isso que não entendo nada.

B

Evitar o contacto num espaço onde dormimos a menos de 70 centímetros?

C

É que não entendo nada.

G

As indicações são evitar o contacto para não pôr em perigo a investigação.

C

Para não pôr em perigo a investigação.

B

Mas a saúde de quem investiga não importa.

C

É impossível entender seja o que for.

B

Sabes quantas tripulações foram abandonadas nos últimos dez anos? 3500 pessoas. E 255 barcos.

C

255 barcos, também abandonados?

B

Em todo o mundo.

G

Ninguém está para abandonar o barco.

C

Ainda não.

B

Por agora só deixaram o barco o capitão e a coordenadora da investigação.

G

Ficas informado. E diz ao caboverdiano que respeite os protocolos.

C

Tu és o interlocutor.

G

Para mim é impossível falar com ele.

C

Mas é meio galego.

G

Não é uma questão de língua. A verdade é que não o posso ver. É-me impossível falar com ele sem discutir.

C

Como o resto do barco. Ninguém consegue falar contigo sem discutir.